

Recado de PARIS

Rubem Braga

1232
PARIS, dezembro — Foi há cinquenta anos atrás, aqui neste meu bairro, que isso aconteceu. Foi o numero 13 da rue des Beaux Arts — um hotelzinho pobre — no quarto numero 7, primeiro andar. No dia 30 de novembro, 1 h 15 da tarde, morreu um senhor gordo, um inglês, que tinha escrito no livro o nome de Sebastien Melmoth.

Alguem foi até a esquina, deu um pulo até o numero 66 da rue de Seine onde existe o Hotel Welcome, para avisar uns ingleses que estavam hospedados lá, e que eram amigos do morto.

Devia ser um dia como hoje, frio, de céu cinzento, de vento ruim. O corpo do senhor gordo foi coberto de flores para o cemiterio. Grandes coroas, surpreendentes, imensas coroas, para enfeitar a morte daquele homem desconhecido.

Ele as merecia. Em outros tempos tivera outro nome, um nome que a morte lhe devolveu — e que, apesar de todas as tristezas e infâmias, tem hoje uma cintilação pura, alta, serena, de estrela azul: Oscar Wilde.

Abriu-se, na Orangerie, uma exposição de paisagens holandesas do século XVII. Pintores de um tempo de euforia burguesa, um tempo de comerciantes e armadores que chamavam pão ao pão. Mas como, nessas paisagens lucidas e nitidas, ficou infiltrada e dispersa tanta poesia? Por que nos comove tanto esse pedaço de rua de Vermeer?

E se às vezes a terra era pobre e chã ("esse frio e alagado inferno", como disse da Holanda o padre Vieira), dois terços do quadro eram dedicados ao céu. Como Franz Post fez no Recife. Não encontramos na exposição nenhum Franz Post do Recife. Apenas um quadro seu, mas delicioso: a barra do São Francisco. À esquerda, um mandacaru ergue os braços, e entre as pedras, na beira do rio, há um matinho miudo, uma cabaça, três flexas de ubá — e uma capivara.

De outro lado da agua, um barco, umas casinhas, um caminho que sobe um morro, onde há alguma coisa que deve ser um forte defendendo a entrada do rio. Tudo minucioso e ingenuo no primeiro plano — mas há, nesse mundo de agua e de céu, nesses morros baixos e distantes do outro lado do rio, a tristeza dos espaços brasileiros.

Perguntei se o quadro veio da Holanda, me disseram que não, que é do Louvre. Conheço a sala dos holandeses no Louvre e nunca o vi lá; é que ele está no Museu de Ultramar. Foi Mauricio de Nassau que o deu de presente a Luís XIV, e não podemos reivindicar esse presente de um príncipe a um rei. Mas por que ninguém encomenda a um pintor brasileiro qualquer (outro dia contamos 21 pintores brasileiros em Paris) uma cópia dessa paisagem tão bela e tão ingenua da barra do S. Francisco que talvez, nestes trezentos anos depois de Franz Post, ninguém mais tenha pintado?

11.12.50